

CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE DEMANDAS: UMA CARTOGRAFIA DOS DISPOSITIVOS DE SAÚDE MENTAL INFANTO-JUVENIL DA CIDADE DE BELO HORIZONTE

Izabel Friche Passos (UFMG)

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, realizada nos anos de 2009 e 2010, teve como objetivo analisar a produção de demandas na atual rede de atenção em saúde mental infanto-juvenil de Belo Horizonte. Partimos do pressuposto de que há fortes tensões inerentes à concepção de cuidado em saúde mental infanto-juvenil entre os atores das políticas sociais desse Município, dificultando seu desenvolvimento em rede. Na produção social de demandas por intervenção em saúde mental com crianças e adolescentes ainda se evidencia a expectativa de regulação dos comportamentos que fogem às normas. O estudo em profundidade foi motivado pelo interesse em analisar como a própria rede de saúde mental influencia nos movimentos de reprodução de processos normalizadores e de inovação no fluxo das demandas. Analisamos o modo como os dispositivos de saúde mental atuam e se articulam entre si dentro da rede especializada e as interfaces que desenvolvem com a rede mais ampla de proteção, promoção e defesa de direitos a essa faixa etária da população. Ao nos aproximarmos desse funcionamento da rede, analisamos como a rede de saúde mental problematiza as demandas que lhes chegam. Pretendemos, com o estudo, contribuir com as políticas públicas no campo da saúde de crianças e adolescentes no sentido da definição de estratégias de atenção mais afinadas com as diretrizes da Reforma Psiquiátrica.

Métodos

As relações entre práticas sociais, instituições e produção de subjetividade, presentes tanto na obra de Michel Foucault quanto em autores do movimento institucionalista, especialmente em Gilles Deleuze e Felix Guattari, constituíram importante apoio teórico-conceitual à pesquisa. Focalizamos a construção da demanda por atenção à saúde mental infanto-juvenil apreendendo as significações construídas pelos próprios sujeitos

implicados nessa demanda, trabalhadores e usuários, através da análise das relações de poder que aí estão envolvidas. Uma incursão pela literatura especializada na faixa etária e na problemática pesquisada, para conhecimento do estado da arte no campo, se fez necessária (RIBEIRO, PASSOS, NOVAES E DIAS, 2010).

Dados o tamanho e a complexidade da rede de saúde mental infanto-juvenil de Belo Horizonte, e tendo em vista a pretensão de realizarmos uma pesquisa participante, optou-se por um recorte do universo de análise. Foram focalizados o Distrito Sanitário Leste e dois dispositivos que são extensivos a toda a rede municipal, a saber: o CERSAMI (Centro de Referência em Saúde Mental Infanto-juvenil, correspondente ao CASPi II, que se responsabiliza por, aproximadamente, metade da população da cidade) e o CePAI (Centro Psíquico da Adolescência e Infância, pertencente à Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais e que atende demandas de todo o estado em internação e ambulatório de saúde mental, incluindo parte da população da capital). O Distrito Leste foi escolhido, de um total de nove, por ter sido pioneiro na implantação de dois projetos inovadores voltados para a Saúde Mental de crianças e adolescentes.

Foram realizadas 58 entrevistas semi-estruturadas com profissionais da rede especializada e das redes de proteção e defesa de direitos, além de usuários. Foi realizada também observação participante em cinco dispositivos: CERSAMi; CePAI; um centro de saúde onde se localiza a equipe complementar de saúde mental infanto-juvenil da Regional Leste; um centro de saúde que possui equipe de referência em saúde mental; e o Programa Arte da Saúde desse mesmo Distrito. Também foi feito o estudo de um caso de difícil manejo para uma análise mais detalhada da linha de cuidado proposta pela assistência municipal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As informações levantadas pela pesquisa deixam claro o avanço já alcançado pelos serviços de saúde mental para crianças e adolescentes implantados em nível municipal, especialmente com a lógica de atenção estimulada pelo Programa Arte da Saúde. Entretanto, o campo da saúde mental infanto-juvenil requer obrigatoriamente uma articulação mais efetiva

com a rede de redes para dar respostas às muitas necessidades de uma sociedade complexa e potente como a brasileira, mas ainda baseada em extremas desigualdades sociais, que afetam principalmente, e em primeiro lugar, as crianças e os adolescentes. A forma como se operacionaliza a hierarquização da assistência em saúde mental infanto-juvenil em Belo Horizonte apenas tem acentuado a segmentação dos diversos dispositivos. São raros os movimentos que conseguem “furar os fluxos” pré-definidos pela Política, para darem conta do desafio de atender populações que não se enquadram na *segmentaridade dura* da rede, como aquelas com trajetória de rua. Permanecem, também, impasses quanto ao acompanhamento dos casos em co-responsabilização. A escola aparece como o principal encaminhador, com muitas demandas de medicalização e normalização das crianças, adolescentes e seus familiares. O espaço e a proposta dos Fóruns Regionais da Criança e do Adolescente, e tampouco o recém-implantado programa federal PSE (Programa Saúde na Escola), não são suficientes para diminuir os impasses entre educação e saúde mental. Na atenção básica, a proposta de matriciamento acaba secundarizada diante da predominância do modelo burocrático de agendamento de consultas. Na atenção especializada, observa-se um movimento do CePAI no sentido da reconstituição de seu espaço enquanto um hospital psiquiátrico estadual, enquanto o Município espera desta instituição estadual um processo oposto. Nos seus três anos de existência, o CERSAMI ainda tem pouca visibilidade social e atua timidamente em ações de redefinição das demandas através da estruturação de propostas junto aos outros atores envolvidos na atenção à criança e adolescente.

Notas:

¹ Pesquisa aprovada pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte e da FHEMIG – Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais.

² Equipe de pesquisa: Izabel Friche Passos (coordenadora; professora associada do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG); Jacques Akerman (mestre em Psicologia pela UFMG, professor de Psicologia da Universidade FUMEC, bolsista de Apoio Técnico-NS); Mônica Soares da Fonseca Beato (mestre em Psicologia pela UFMG, professora de Psicologia da FEAD Minas); Daniela de Oliveira Carvalho (mestre em Psicologia pela UFMG; psicóloga da Prefeitura Municipal de Betim, professora da Faculdade Pitágoras de Betim, Bolsista de Apoio Técnico-NS); Fábio Wallace Dias (mestrando

em Psicologia pela UFMG, bolsista CAPES); Clarissa Sudano Ribeiro; Mauro Gonçalves Novaes; André Fernandes da Costa Milanez (estudantes de graduação em Psicologia da UFMG – bolsistas de IC); Álvaro Alessandro Sousa Linhares (bolsista de Apoio Técnico-NM); Flávia Daniela Santos Rodrigues (graduada em Psicologia pela Universidade FUMEC); Isabella Cristina Barral Faria Lima (estudante de graduação em Psicologia da UFMG); Diego Gomes Siqueira; Priscila Daiana Lima (estudantes do ensino médio); Talita Metzker (estudante de graduação em Psicologia na Universidade FUMEC e em Filosofia na UFMG).